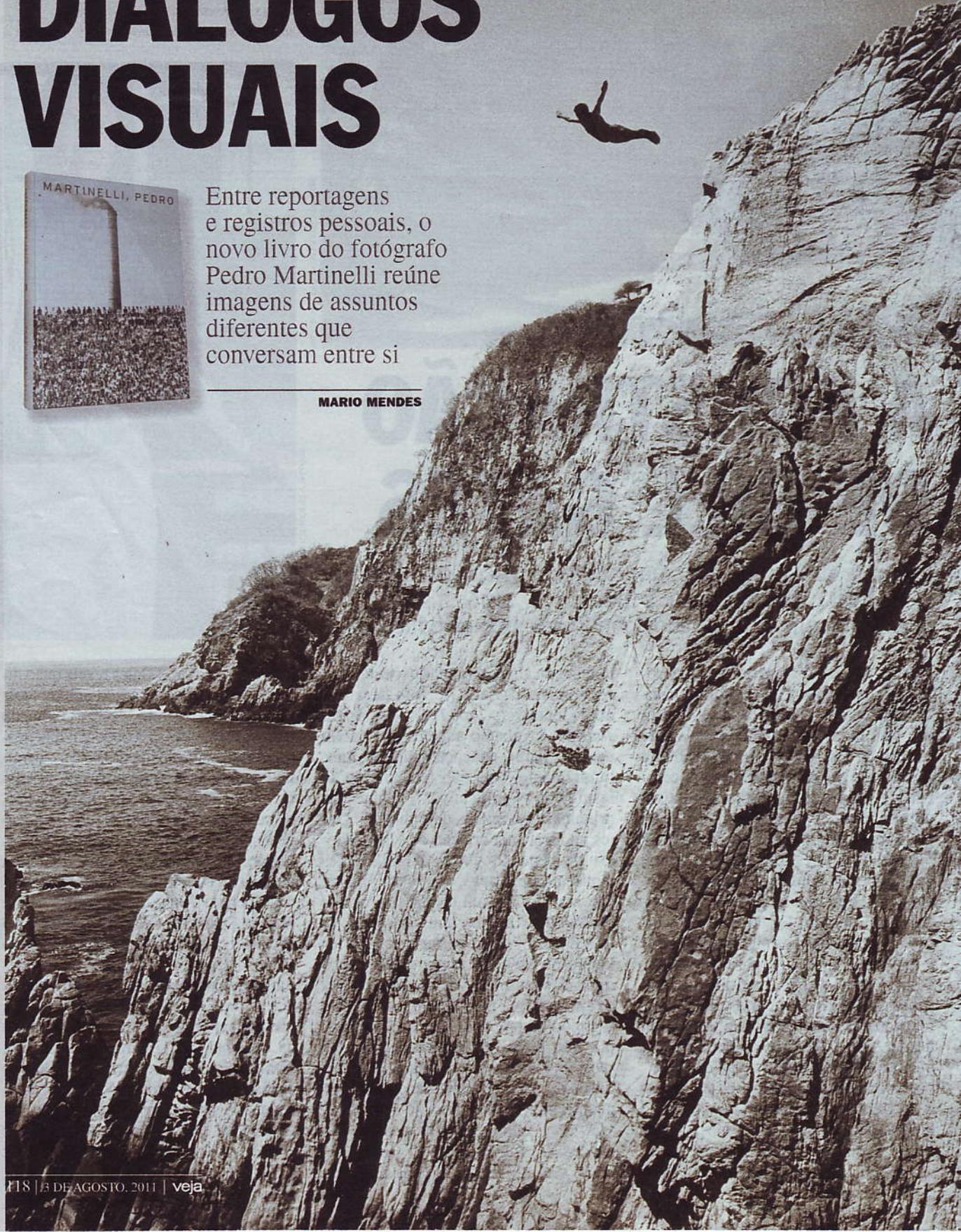


DIÁLOGOS VISUAIS



Entre reportagens e registros pessoais, o novo livro do fotógrafo Pedro Martinelli reúne imagens de assuntos diferentes que conversam entre si

MARIO MENDES

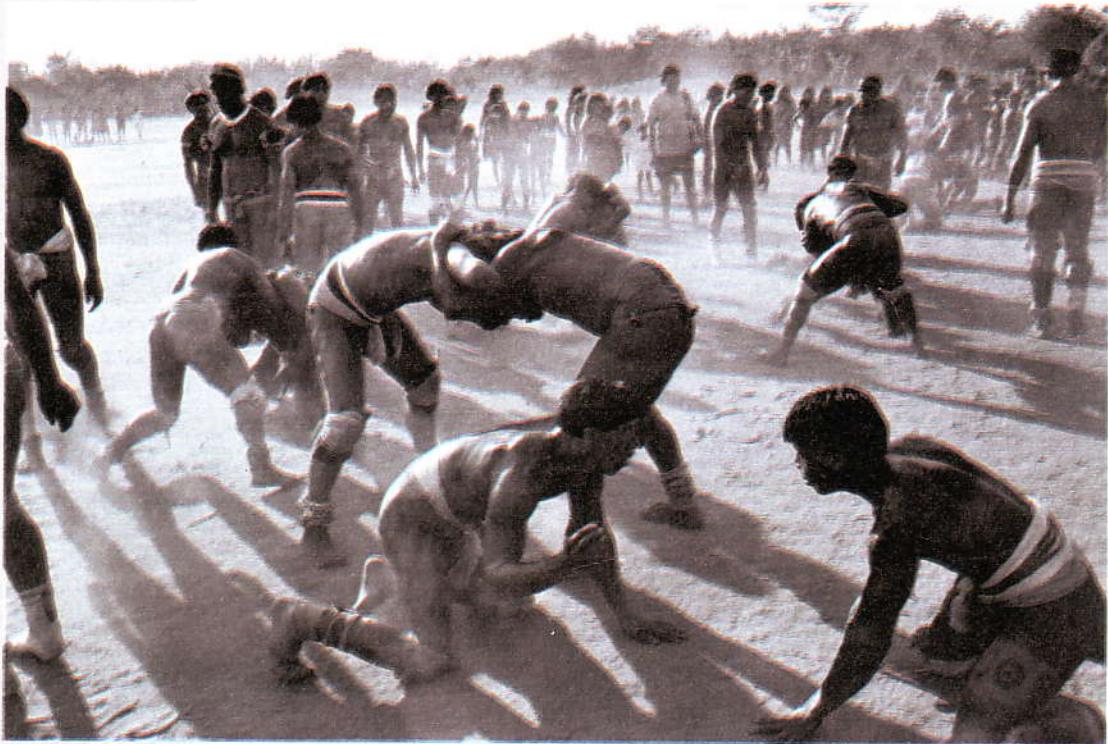




QUEDA LIVRE

"Fiz esta foto despretensiosamente, quando estava de férias no México", diz o fotógrafo sobre a imagem do mergulhador saltando de um penhasco em Acapulco, em 1977 (à esq.). "O local é conhecido, e eu até já tinha na mente a figura do corpo solto no ar. Mas o ângulo e a luz é que tornam essa imagem única." Anos antes, em 1974, ele havia capturado outro corpo caindo, em contexto bem diferente, durante a cobertura do incêndio do Edifício Joelma, em São Paulo (à dir.).

"Eu era um jovem de 24 anos trabalhando para o jornal O Globo, e ainda hoje me lembro do barulho dos corpos batendo no chão", conta. "A primeira é uma foto plástica e bela. A outra, dramática e trágica. Com o tempo, elas se encontraram no meu arquivo e formaram uma dupla"

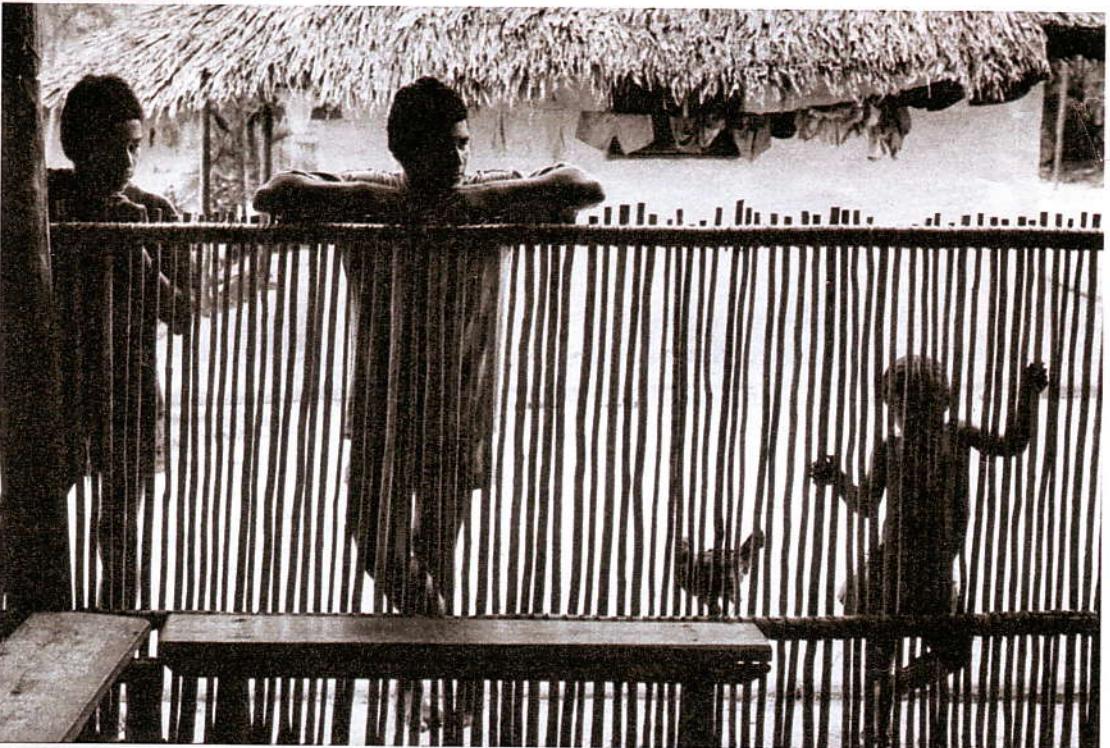


CORPOS AMAZÔNICOS

O impacto das mudanças ambientais e de comportamento é um dos vieses do monumental retrato da Amazônia que Martinelli vem compondo desde 1970. Em 2005, ele registrou o trabalho dos cavadores no Rio Negro, em Manaus (no alto): "Na seca, eles retiram o barro do solo do rio e o carregam até as embarcações que o levaram para ser transformado em tijolos. É uma tremenda agressão ao ambiente, mas é também a fonte de renda de inúmeras famílias". Já no Xingu, em 2006, ele observou os três dias de festa de um quarup (acima): "Além da grande quantidade de bicicletas e filmadoras na tribo, o que me chamou a atenção foram as pinturas corporais. Tinha até a bandeira brasileira e o símbolo do Vasco"

Tarefa nada simples pinçar apenas 64 imagens do imenso arquivo de Pedro Martinelli. O fotógrafo de 61 anos está na ativa há mais de quatro décadas, capturando tudo o que passa na frente de suas lentes: tragédias, turismo, futebol, aviação, personalidades, cotidiano, moda, política. E, sobretudo, compondo um imenso e detalhado retrato da Amazônia — desde 1970 e sem data para terminar. Com Martinelli, Pedro (Coleção Fotógrafos Viajantes: Terra Virgem; 96 páginas; 45 reais), o editor e curador Roberto Linsker fez

um corte sintético na caudalosa produção do fotógrafo a partir de imagens que têm entre si relações mais estreitas do que supunha o próprio autor. "Resisti antes de deixar o Roberto navegar pelo meu acervo. Não são exatamente as fotos que eu escolheria para um livro, mas ele encontrou uma correspondência entre elas que eu não havia percebido", diz. É o caso da imagem do homem saltando no mar de um penhasco no México, estampada ao lado da vítima que salta para a morte fugindo das chamas do Edifício Joelma, no incêndio de 1974, em São Paulo.



NA CABEÇA DO CACHORRO

O grafismo vertical é o traço de união entre as soldadoras na hidrelétrica de Tucuruí, no Pará, em 2001 (no alto) e a placidez da comunidade indígena no alto Rio Içana, no Amazonas, em 1997 (acima). “A primeira foto vem de uma reportagem sobre as mulheres que deixaram os afazeres domésticos para se empregar nos canteiros de obras. A outra é de um dos lugares mais bonitos que já vi, na fronteira com a Colômbia, uma região conhecida como Cabeça do Cachorro — por causa de sua forma no mapa. Lá, os índios baníus foram evangelizados por uma missionária americana nos anos 50; hoje tudo é muito calmo e produtivo e o povo anda com a Bíblia na mão. Já no rio vizinho, catequizado pelos padres, há muita pobreza, desordem e alcoolismo”

Há ainda retratos inesperados, como o de Sonia Braga cozinhando em Paraty, um Paulo Maluf bem mais jovem e um Lula ainda metalúrgico. Mas a maioria das fotos, claro, é da Amazônia. Vão desde o drama do desastre ambiental até registros prosaicos da vida dos ribeirinhos e, principalmente, das populações indígenas. Martinelli, porém, diz: “Não sou indianista, ambientalista nem ecologista. Sou ‘mateiro’. Gosto de mato desde criança, quando andava com meu pai pela Mata Atlântica, em São Paulo”. No livro

também há mais imagens em preto e branco do que coloridas, fato que Martinelli justifica tanto pelo passado como fotojornalista — em uma época em que fotografar em cores era luxo — como por uma imposição de seu maior tema, a floresta: “A Amazônia não tem cor”, define. Sua foto favorita, entre todas as escolhidas para o livro, é o retrato de um jovem caboclo, feito em Manaus em 1996. “Cansei de fotografar a mata. Agora estou em busca das pessoas. Elas é que são os verdadeiros avatares, os anjos da guarda.” ■